

**AMPLIANDO A ROTA: QUANDO O CUIDADO DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES TRANS CONVOCA PARA O DIÁLOGO ENTRE A ESCOLA E
OS SERVIÇOS DE SAÚDE¹**

*Eixo Temático 19 – Gênero e Sexualidade na Escola: Novas Ameaças,
enfrentamentos e possibilidades de resistências*

Débora de Jesus Barbosa²
Maria Cecília Porto Novais³
Lucio Costa Giroto⁴
Janaína Paula Costa da Silva⁵
Flavia do Bonsucesso Teixeira⁶

Resumo

Esta proposta parte da Revisão Integrativa, em andamento, que analisa a literatura sobre os itinerários percorridos pelas pessoas trans para obtenção de cuidado em saúde e recortamos as pesquisas centradas na infância e adolescência. As diretrizes da World Professional Association for Transgender Health - WPATH são adotadas em diferentes países, nelas, a escola é apresentada como equipamento social fundamental. Os serviços de saúde devem colaborar para que crianças e adolescentes estejam protegidos e seguros nas famílias e escolas. Nossa proposta é discutir a ausência de estudos que considerem a escola como parte das interações necessárias no processo de transição e a relevância de se incorporar as questões escolares não apenas como parte do diagnóstico, mas integrante do cuidado em saúde.

Palavras-chave: Transexualidade, Escola, Saúde.

¹ Projeto de Pesquisa Saúde Transespecífica, sobre Itinerários Terapêuticos e Acolhimentos nos Serviços de Saúde: uma Revisão Sistemática de Literatura. Financiado por meio do Edital N° 03/2021 PIBIC-CNPQ.

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, debora.barbosa@ufu.br;

³ Graduanda do Curso de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, maria.novais@ufu.br;

⁴ Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo – SP e Professor Temporário da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia - MG , lucio_girotto@hotmail.com;

⁵ Professora Adjunta da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia - MG, janaína.silva@ufu.br;

⁶ Orientadora. Professora Associada da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia - MG, flavia.teixeira@ufu.br.

INTRODUÇÃO

A constituição de políticas públicas é central na discussão sobre a saúde de travestis e transexuais. Trabalhos recentes apontam para um crescente interesse sobre o tema da saúde da população trans e sua maior produção no campo da saúde (ROCON *et al.*, 2020; LIMA *et al.*, 2020). Apesar do espraiamento das temáticas, a ênfase das discussões está centrada nas questões sobre o acesso aos serviços de saúde, tanto no que se refere às barreiras (GOMES, 2018) quanto às experiências de usuários nos serviços de saúde (MONTEIRO; BRIGEIRO, 2019). Porém, novos recortes surgiram a partir do momento em que, no Brasil, os serviços de saúde foram ampliados e as experiências de atenção em saúde se deslocaram dos hospitais (PRADO, 2018; SANTOS, 2020).

O surgimento de novos equipamentos de saúde produziu inquietações sobre modos de cuidar que ampliaram o repertório das pesquisas e expandiram as preocupações apontando para processos individualizados do cuidado (TEIXEIRA *et al.* 2018; 2019; 2020).

No entanto, percebe-se lacunas importantes em relação a alguns temas que têm sido pouco explorados e foi elaborada a pesquisa integrada “Saúde Transespecífica: Revisão Sistemática de Literatura” que articula seis subprojetos, a saber: 1. Itinerários Terapêuticos e Acolhimento em Saúde; 2. Atenção Ginecológica e Saúde Reprodutiva; 3. Hormonioterapia – usos modificados do estrogênio e progesterona e 4. Saúde na Infância e Adolescência. 5. Saúde Mental 6. Envelhecimento e novas demandas para o cuidado.

As recusas, o despreparo dos profissionais, as precariedades e as violências perpetradas pelos serviços de saúde são barreiras de acesso que impactam a qualidade e integralidade do cuidado a ser ofertado para a população trans no Brasil (FÉBOLE, 2017). De mesmo modo, as ausências e violências são retratadas nos itinerários terapêuticos (HANAUER; HEMMI, 2019; OLIVEIRA; ROMANINI, 2020; SOUZA *et al.*, 2014) que apontam para a precariedade como uma política de estado (MISKOLCI; PEREIRA, 2019). Para esse trabalho, articulamos as discussões sobre os cuidados na infância e adolescência (PONTES; SILVA; NAKAMURA, 2020) e o lugar da escola como parte integrante de uma rede de cuidado que parece pouco explorada.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esta proposta parte da Revisão Integrativa, em andamento, que analisa a literatura sobre os itinerários percorridos pelas pessoas trans para obtenção de cuidado em saúde e recortamos as pesquisas centradas na infância e adolescência. Para o recorte do congresso, evidenciamos

os achados que se referem à escola e as situações vividas pelas crianças e adolescentes trans na escola que são referidas nos trabalhos do campo da saúde.

A busca de artigos foi realizada na EMBASE por ser uma base de dados biomédico ampla e atualizado que acessa também a MEDLINE.

A elaboração da estratégia de busca foi realizada utilizando Emtree terms ('transgender'/exp OR 'transsexualism'/exp OR 'gender dysphoria'/exp OR 'gender identity'/exp) AND ('child'/exp OR 'preschool child'/exp OR 'adolescent'/exp) AND ('health care access'/exp OR 'medicine'/exp OR 'health service'/exp). Foi utilizado o gerenciador de referências Zotero®, de acesso gratuito, para organização dos artigos a serem extraídos dos periódicos indexados nas bases de dados. E o filtro temporal para os artigos publicados entre os anos 2008 e 2022.

Nessa etapa foram identificados 1811 artigos. A avaliação da elegibilidade dos estudos constituiu na etapa de triagem dos artigos, com leitura de título e resumo, realizada por dupla de revisores, de modo independente. Foram organizados em um editor de planilhas, para construção do fluxograma.

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: artigos publicados nos idiomas inglês, espanhol ou português. Estudos produzidos sobre os seguintes países: Uruguai, Argentina, Canadá, Espanha, Portugal, Estados Unidos, Holanda, África do Sul e Brasil. Todos os tipos de pesquisa, ou seja, qualitativa, quantitativa ou mista. Estudos que tivessem como público alvo crianças na idade entre 0 a 10 anos e/ou adolescentes (10,1 a 19 anos). Pesquisas que abordassem as temáticas relacionadas especificamente com a população trans (não incluída no segmento LGBTQI+); foram incluídos estudos diretos com a comunidade, profissionais da saúde e pais/responsáveis quando a temática era específica sobre a população trans.

Foram adotados os Critérios de Exclusão: Não cumprir os critérios de inclusão, não ter sido publicado no formato de artigo; artigos com resumos e textos completos não acessível gratuitamente e/ou na literatura cinzenta possível.

Durante essa etapa, como um exercício exploratório, aplicamos o filtro “school” para a planilha de Excel e foram identificados 65 artigos que tratavam de temas ou vivências relacionados às crianças e/ou adolescentes trans na escola. Após a elegibilidade confirmada por meio da análise dos resumos, realizada por dupla de revisores, de modo independente, foram selecionados 14 artigos que mencionam a escola como equipamentos mencionados e/ou valorizados no cuidado em saúde. Desse universo, 06 artigos mencionavam a escola como parte da a rede social das crianças e adolescentes trans e dialogava com o cuidado em saúde. Todos foram lidos na íntegra para elaborar a reflexão aqui proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dificuldade de aceitação familiar e na escola como elemento de potencialização das vulnerabilidades enfrentadas por crianças e adolescentes trans é a questão que mais recorrente nos artigos (Paulino, Pastor-Valerio & Machin, 2021). A compreensão de que essa população ocupa uma posição de desprestígio em relação a outros grupos minoritários tendo maior possibilidade de suicídio e abuso de drogas e adoecimentos por ISTs parece consensual nos trabalhos identificados. Ao mesmo tempo, a compreensão de que a família e a escola precisam ser apoiados para que cumpram o papel de dar segurança para as crianças e adolescentes trans (em qualquer fase da transição) não foi acompanhada de pesquisas ou problematizações sobre qual seria a atribuição dos serviços/trabalhadores/as da saúde em facilitar esse processo. Durante a organização de nosso material de pesquisa, identificamos pesquisas preocupadas com a formação de médicos/as e enfermeiros/as para oferecer um cuidado adequado para o/a usuário/a trans, mas ainda muito focalizado no reconhecimento da identidade de gênero e orientação sexual como fatores individuais que impactam a consulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações sobre o itinerário de cuidados e as barreiras existentes para o acesso da população trans aos serviços de saúde são ainda incipientes e, quando se trata da infância ou adolescência, o cenário ainda se torna mais complexo ao inserir de modo decisivo a família. Alguns trabalhos problematizam as negociações e limites para a obtenção do consentimento (ou assentimento) para que crianças e adolescentes possam demandar e tomar decisões a respeito de momentos de sua transição no gênero (uso do nome, pronomes, roupas) nos serviços de saúde, mas essas discussões extrapolam e encontram solo também nas escolas (Castilho, Teixeira & Leite, 2018).

REFERÊNCIAS

- CASTILHO, E. W.; TEIXEIRA, F. B.; LEITE, V. De menor importância: interrogando os limites da autonomia no universo dos/as adolescentes trans. *In*: CORDEIRO, C. J.; GOMES, J. A. (Org.). **Temas Contemporâneos de Direito das Famílias**. São Paulo: Pillares, 2018. p. 279-296.
- COLEMAN, E., *et al.* **Normas de atenção à saúde das pessoas trans e com variabilidade de gênero**. World Professional Association for Transgender Health. 7ª versão, 2012.

- FÉBOLE, D. S. **A produção de violências na relação de cuidado em saúde da população LGBT no SUS**. 2017 - Dissertação (mestrado) – Departamento de Psicologia. Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2017. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/5684>. Acesso em: 31 jul. 2022.
- GOMES, S. M. *et al.* O SUS fora do armário: concepções de gestores municipais de saúde sobre a população LGBT. **Saúde e Sociedade**, v. 27, n. 4, p. 1120-1133, out.-dez., 2018. DOI: 10.1590/S0104-12902018180393.
- HANAUER, O. F. D.; HEMMI, A. P. A. Caminhos percorridos por transexuais: em busca pela transição de gênero. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 91-106, dez. 2019.
- LIMA, R. R. T. *et al.* A. Análise bibliométrica de teses e dissertações brasileiras sobre travestilidade, transexualidade e saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 3, e00301133, 2020. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00301.
- MISKOLCI, R.; PEREIRA, P. P. G. Réplica: Desigualdades mortais: a fabricação de vidas precárias no Brasil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, e190157, 2019. DOI: 10.1590/Interface.190157.
- MONTEIRO, S.; BRIGEIRO, M. Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 4, e00111318, 2019. DOI: 10.1590/0102-311X00111318.
- OLIVEIRA, I.; ROMANINI, M. (Re) escrevendo roteiros (in) visíveis: a trajetória de mulheres transgênero nas políticas públicas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 29, n. 1, e170961, fev. 2020. DOI: 10.1590/S0104-12902020170961.
- PAULINO, D. B.; PASTOR-VALERO, M.; MACHIN, R. ‘This family rejection harmed my health as well’: Intersections between the meanings of family and health for trans people and family members in a trans healthcare service in Brazil. **Global Public Health**, v. 17, n. 7, p. 1330-1342, mai. 2021.
- PONTES, J. C.; SILVA, C. G.; NAKAMURA, E. “Crianças” e “Adolescentes” trans. A construção de categorias entre profissionais de saúde. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 35, p. 112-132, agos. 2020. DOI: 10.1590/1984-6487.sess.2020.35.06.a.
- PRADO, M. A. M. **Ambulare**. Belo Horizonte: PPGCOM-UFMG, 2018.
- ROCON, P. C. *et al.* Acesso à Saúde pela População Trans no Brasil: nas Entrelinhas da Revisão Integrativa. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 1, e0023469, 2020. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00234.

SANTOS, M. C. B. **Aos Trancos e barrancos: uma análise do processo de implementação e capilarização do processo transexualizador no Brasil.** 2020. Tese (Trabalho de conclusão de curso) - Programa de Pós Graduação da Faculdade de Serviço Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9889368. Acesso em: 31 jul. 2022.

SOUZA, M. H. T. *et al.* Itinerários terapêuticos de travestis da região central do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 7, p. 2277-2286, jul. 2014. DOI: 10.1590/1413-81232014197.10852013.

TEIXEIRA, F. *et al.* Formas de Cuidado como Violência: Aids, silicone líquido e uso de hormônios em travestis e mulheres transexuais brasileiras. In: FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L. (Org.). **Direitos em disputa**. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2020. P. 463–84.

TEIXEIRA, F. *et al.* Estratégias de resistência, existência e invenções de uma prática: entre um cotidiano de miudezas e um cuidado afetado. In: RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C.; SEFFNER, F.; VILAÇA, T. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocup(ações)**. Rio Grande do Sul: Editora da FURG, 2018. p. 141–158.

TEIXEIRA, F. *et al.* Políticas Públicas e o Cuidado Integral em Saúde para os Homens Trans: disputas, ausências e desafios. In: ARAÚJO, J. S.; ZAGO, M. M. F. (Org.). **Pluralidade Masculina: contribuições para pesquisa em saúde do homem**. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 383–408.